



“O nome de Deus é misericórdia”: a sinodalidade, a pastoral e a perspectiva da espera de Deus segundo a profecia da destruição em Jr 5, 18-25

“The name of God is mercy”: synodality, pastoral and the perspective of waiting for God according to the prophecy of destruction in Jr, 18-25

Rodrigo Favero Celeste ^a

Luiz Alexandre Solano Rossi ^b

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a ação pastoral a partir da noção da espera de Deus que se apresenta como disponibilidade para o crescimento na fraternidade a partir da misericórdia. Procura-se fundamentar a vida comunitária nos servindo da noção de sinodalidade apresentada no Sínodo dos Bispos em 2023. Isso se dará por meio da análise da perícopes de Jeremias 5,18-25, de documentos publicados pela Santa Sé e verificação bibliográfica. A tese tem como perspectiva a hipótese da concepção de espera que aparece na perícopes, que parte do próprio Deus, e, devido a essa condição, se torna uma mística para a vida sinodal da Igreja. Procurando estabelecer um diálogo com o texto bíblico e a entrevista do Papa Francisco ao jornalista Andrea Tornielli, serão abordadas as noções de fraternidade e sinodalidade, partindo da profecia de Jeremias que anuncia a destruição do povo que se afasta de Deus, uma possibilidade de encontro entre duas noções, a princípio assimiláveis biblicamente: 1) castigo como ato de misericórdia para despertar a 2) conversão. Deus é o “ponto” de unidade de toda a religião e fundamento da fraternidade humana.

Palavras-chave: Misericórdia. Fraternidade. Sinodalidade. Pastoral. Papa Francisco.

Abstract

The purpose of this article is to reflect on pastoral action based on the notion of waiting for God, who presents himself as availability for growth in fraternity based on mercy. We seek to base community life using the notion of synodality presented at the Synod of Bishops in 2023. This will be done through the analysis of the pericope of Jeremias 5,18-25 and

^a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Mestrando em Teologia, e-mail: rdrfavero@gmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: luizalexanderrossi@yahoo.com.br

other documents published by the Holy See and bibliographical verification. The thesis has as its perspective the hypothesis of the conception of waiting that appears in the pericope, which starts from God himself, and, due to this condition, becomes a mystic for the synodal life of the Church. Seeking to establish a dialogue with the biblical text and the interview of Pope Francis to the journalist Andrea Tornielli, the notions of fraternity and synodality will be approached, starting from the prophecy of Jeremiah that announces the destruction of the people that turn away from God, a possibility of encounter between two notions, at first biblically assimilable: 1) punishment as an act of mercy to awaken 2) conversion. God is the “point” of unity of all religion and the foundation of human brotherhood.

Keywords: Mercy. Fraternity. Synodality. Pastoral. Pope Francis.

Introdução

Procura-se, nesse artigo, confrontar a perícope de Jr 5, 18-25 com a publicação, pela editora Planeta, da entrevista do Papa Francisco ao jornalista Andrea Tornielli, em 2016, a respeito da noção de sinodalidade, tema que se apresenta atualmente na ação pastoral da Igreja em vista do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023.

A entrevista está dividida em nove capítulos que tratam do pensamento do Papa a respeito do tema da misericórdia, quando da instituição do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, entre os dias 8 de dezembro de 2015 e 20 de novembro de 2016, solenidades litúrgicas católicas da Imaculada Conceição da Virgem Maria e de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, respectivamente. A instituição do Ano Santo Extraordinário passa a ser, assim, uma ação histórica preponderante que marca a nova fase da vida eclesial em todos os âmbitos, juntamente com a eleição de Francisco, após o conclave que pediu reformas substanciais nas instâncias administrativas e pastorais da Igreja. Não podemos compreender o “fenômeno” Francisco sem o conclave que o elegeu, pois foram as suas preleções, que antecederam a eleição de Bergoglio, que deixou explícito o imperativo de efetuar todas as propostas reformistas que o evento constatou necessário acontecer no próximo pontificado.

Neste artigo não vamos explorar pormenorizadamente os documentos dispostos para o Sínodo, mas apenas fazer presente alguns conceitos nos mesmos apresentados, a fim de que as indicações encontradas no texto bíblico e nas falas do Sumo Pontífice na entrevista, lancem alguns clarões para iluminar nossa compreensão a respeito da ação pastoral hoje.

Começamos este artigo contextualizando a perícopa bíblica lançando sobre os versículos uma hipótese que pode nos auxiliar na proposta argumentativa para, logo após, procedermos à confrontação com o texto publicado da entrevista. As citações literais de algumas perguntas e suas respostas se farão necessárias, partindo da ideia de que o livro não tenha sido apreciado pelo leitor da presente argumentação.

Contextualizando Jr 5, 18-25

Esta perícopa de Jeremias está situada no conjunto de oráculos e discursos contra Israel e Judá – capítulos 1-25 (ZENGER, 2003, p. 401) e constitui uma pausa em todo o conjunto, isto é, Jr 1,1 – 5,17 sendo retomado o oráculo em Jr 5,26 em diante.

Em Jr 2-6 o profeta vocacionado inicia seu ministério profético antes da reforma de Josias (621)¹. O profeta obedece ao mandato divino que lhe envia: “*Vai e grita nos ouvidos de Jerusalém*” (Jr 2,2). Os oráculos serão de acusação, mas é antecedido pela rememoração dos encantos do povo com a ação de Deus que lhes tocava no caminho da libertação da escravidão no deserto: “*Eu me lembro (זָכַר: zâhar, memorial, fazer lembrança), em teu favor, do amor (אַהֲבָה: ahävâh amor humano, de Deus) de sua juventude, do carinho de teu tempo de noivado (קָלוּלָהּ: k’lûlâh) quando me seguias pelo deserto, por uma terra não cultivada*”. O oráculo está envolvido por uma profunda afetividade de Deus para com Israel. A lembrança da fidelidade poderia ser uma pedagogia divina para, ainda como uma nova chance, fazer o povo despertar para uma nova afeição e voltar novamente para Deus?

A expressão zâhar, muito mais do que uma simples lembrança, se torna um memorial para a conversão. A pedagogia de Deus parece partir da intenção de encantar, mais do que condenar. Memorial, palavra cara para a

¹ Esta observação se encontra na nota f de Jr 2 da Bíblia de Jerusalém. *Nova edição, revista*. São Paulo: Paulus. 1985. Todos os textos bíblicos aqui apresentados seguem as traduções desta edição.

teologia litúrgica, é o resultado dos movimentos do afeto que causam reações² e ações substanciais na própria constituição moral de uma pessoa, pois ultrapassa o nível apenas cerebral para, da fisiologia ir até os afetos mais recônditos da pessoa, que denominamos como entranhas, intimidade, interioridade, coração, entre outras expressões semelhantes;

O Senhor se lembra do amor-’ahăvâh. Tal amor – simbolizado na imagem do vigor da juventude e o desejo pela novidade que move aqueles que estão nos primeiros tempos da vida – movia o povo a seguir os mandamentos de Deus na esperança da libertação desejada. Memorizar os encantos iniciais da ação de Deus poderá despertar para a realidade de distanciamento que se dava, contrário ao projeto proposto;

O espírito de revolta do povo era contrário ao tempo do noivado-k^{el}lûlâh, tempo dos carinhos e afetos de proximidade pela via da comunhão, da alegria da vida nova que se descortinava no horizonte da viagem da libertação (MESTERS, 1992, p. 35). Noivado é tempo de promessa, do anseio pelo porvir, da paixão que acende as chamas da vida nova futura. O desejo que tudo dê certo e se encaminhe para muitos anos de complementaridade e eros. Promessas de amor até a morte-ágape.

Mas o profeta anuncia o erro do povo: “O que encontraram vossos pais em mim de injusto, para que se afastassem de mim e corresseis atrás do vazio? (...) Mas meu povo trocou a sua Glória pelo que não vale nada. (...) Eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água” (Jr 2, 5.11.13). O distanciamento de Deus é lamentado pelo Senhor, que anuncia: “Compreende e vê como é mau e amargo abandonar a lahweh, teu Deus, e não temer. (...) Desde os tempos remotos quebraste o teu jugo, rompestes as tuas cadeias e dizias: ‘Eu não servirei.’” (Jr 2, 19-20). E compara o povo a uma prostituta (cf. Jr 2, 20b e seguintes). O profeta, com provável exatidão, pensa na prostituição sagrada, pois os seus oráculos querem destruir a idolatria que despertava a ira do Senhor.

A razão da pausa textual: uma hipótese

O primeiro questionamento que podemos apresentar a todo o conjunto do texto é o seguinte: conforme asseguram os exegetas, a perícopes de Jr 5,18-25 é uma pausa em todo o oráculo. Sendo assim, qual a razão da mesma?

Já sabemos, pelos versículos anteriores, que o profeta quer alarmar o povo para o risco do abandono de Deus. A idolatria os levou para distante de Deus e, dessa forma, sofreram com a invasão e a perda do auxílio divino. Só há uma opção: a conversão! Mesmo após o oráculo de destruição estar em vigor, Deus promete: “*Mesmo naqueles dias não vos aniquilarei*” (v. 18).

Como visto nos versículos anteriores, a pedagogia divina não é a da sentença rápida e definitiva, mas do alerta para despertar a atenção e motivar a mudança. A pedagogia histórica de Deus é a da gradação, do processo, que é lento, mas que é claro e assertivo. Neste primeiro versículo da perícopes, se destaca a profecia para “aqueles dias”. “Naqueles dias” não constitui a sucessão dos dias que advirão no calendário, ou o dia em oposição à noite, conforme podemos compreender usualmente, de acordo como a própria palavra יוֹם (*yom*) deixa transparecer. Em Gênesis, por exemplo, *yom* pode ser lido como “dia” ou “quando” (Gn 2,4), “hoje” (Gn 4,14), “tempos” (Gn 4,3), “viver” (Gn 5,4), “continuamente” (Gn 6,5), “duração” (Gn 8,22), entre outras. O que vale, portanto, é o

² O contrário seria o mais lógico, contudo, entendemos que diante de algo esplendoroso, primeiro reagimos (contra, susto, maravilhamento, medo, fuga, entre outras reações), para depois, de forma racional, organizar as ações.

prolongamento do oráculo, porém com a ação já definida, com a outra promessa: “... Não vos aniquilarei completamente”. A ocorrência temporal é a mostra de que Deus está vaticinando ao povo a destruição agindo concretamente, a começar pela convocação do profeta.

Com o versículo 18 chegamos à conclusão de que a pausa confirma a possibilidade da prorrogação da efetivação da sentença, a fim de ocasionar a mudança de rumos, ainda aceitáveis, ao povo rebelde. Os versículos 18 e 19 anunciam e mesclam a esperança, o castigo e o desejo do Deus amoroso do retorno à fonte originária da Vida, que consiste na proximidade às Leis, Decretos e Mandamentos divinos.

Nos versículos seguintes, 20 e 21, a profecia associa a insensatez e falta de inteligência do povo, ou, “povo sem coração”, isto é, incapaz de se deixar mover pela revelação para além dos sentidos corporais, com o atrevimento do povo que não teme ao Senhor, causa esta do afastamento de Deus e da traição. O Deus que se move nas entranhas em excessos de amor, expressos nos benefícios generosos da “chuva de outono e a primavera a seu tempo” e que “reserva semanas fixas para a colheita” (v. 24), espera que o seu povo descubra o sentido para encontrar o caminho. O caminho, desde o êxodo, será a imagem precípua do povo escolhido que tem o próprio *lahweh* como indicador da direção, o Guia.

Se “o nome de Deus é Misericórdia”

O Papa Francisco, como sabemos, possui uma particular capacidade de, com perspicácia, apresentar conceitos de profundidade teológica de dois mil anos com tanta leveza popular que impressiona pela capacidade de aplicação vivencial para toda pessoa, não importa qual sua origem e condição. Após surpreender o mundo com a notícia do Ano Santo Extraordinário, o diálogo com o jornalista italiano Andrea Tornielli aparece com o poder de uma encíclica para definir todo o plano de ação pastoral que o Papa quer imprimir em toda a Igreja Universal, em forma de uma conversa. Bergoglio confessa que não traz novidades teológicas para o tempo atual e que os Papas anteriores também dedicaram grande atenção ao tema da misericórdia. Contudo, é possível afirmar com segurança que ele consegue, como ato original próprio, estabelecer uma síntese importante de todo esse período pós-conciliar e, também, após quatro pontificados de Papas que participaram do Concílio, sendo ele o primeiro que não esteve nas reuniões. Uma síntese baseada em reformas administrativas internas que apontam para caminhos pastorais capazes de indicar a aplicação das teses conciliares para uma Igreja em relação. Tradição e mundo em diálogo, sem confusão ou divisão, com as partes capazes de estabelecer linhas possíveis de valoração das concepções mais caras e universais para o bem da pessoa, para a paz e a concórdia sociais.

Após um rápido aceno para a períclope de Jr 5,18-25, cabe-nos agora perguntar se é possível traçar algumas linhas de reflexão capazes de iluminar a ação pastoral ou, o termo mais atual “ação evangelizadora”³, que agora recebe mais um denominativo: “caminho sinodal”.

O Papa afirma:

³ “Ainda hoje, num momento histórico em que a Igreja se vê introduzida numa ‘nova etapa evangelizadora’, que lhe pede para se constituir num ‘estado permanente de missão’ em todas as regiões da terra o Sínodo dos Bispos é chamado, como qualquer outra instituição eclesial, a tornar-se progressivamente ‘um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação’. Sobretudo é necessário, como já almejava o Concílio, que o Sínodo, ciente de que ‘o cuidado de anunciar o Evangelho em todas as partes da terra pertence, antes de mais, ao corpo episcopal’ se empenhe por ‘atender de modo especial à atividade missionária, que é a principal e a mais sagrada da Igreja” (FRANCISCO, P. *Episcopalis Communio*, n. 1).

A centralidade da misericórdia, que para mim representa a mensagem mais importante de Jesus, posso dizer que cresceu pouco a pouco na minha vida sacerdotal, em consequência da minha experiência como confessor, das tantas histórias positivas e belas que conheci (FRANCISCO, 2016, p. 22).

A experiência de Bergoglio, despertada a partir da dimensão da misericórdia, tem características sacramentais seja pelo sacerdócio ministerial que desempenha, seja pela atividade que da mesma decorre no confessional, que faz emergir uma ação pastoral em que o outro é visto como pessoa, ali, situada, com uma história a ser narrada. O Evangelho, dessa forma, é transmitido de forma encarnada.

Ter a misericórdia como centro da ação eclesial muda os acentos e faz privilegiar iniciativas voltadas para a valorização e o desenvolvimento da pessoa para além de um número na somatória dos bancos da Igreja. A misericórdia como centro coloca em relevo o Evangelho, a pessoa de Jesus, o verdadeiro remédio contra o indiferentismo, o clericalismo, o narcisismo ou as quinze doenças elencadas pelo Sumo Pontífice em 22 de dezembro de 2014, em seu discurso de felicitação de Natal aos funcionários da Cúria Romana. Segue o elenco das quinze doenças:

Sentir-se ‘imortal’, ‘imune’ ou mesmo ‘indispensável’; a doença do ‘martismo’ (que vem de Marta), da atividade excessiva, ou seja, daqueles que mergulham no trabalho, negligenciando inevitavelmente ‘a melhor parte’: sentar-se aos pés de Jesus; a doença do ‘empedernimento’ mental e espiritual, ou seja, daqueles que possuem um coração de pedra e uma ‘cerviz dura’; da planificação excessiva e do funcionalismo: quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e julga que, se fizer uma planificação perfeita, as coisas avançam efetivamente, torna-se um contabilista ou comercialista; a doença da má coordenação; do ‘alzheimer espiritual’, ou seja, o esquecimento da ‘história da salvação’, da história pessoal com o Senhor, do ‘primitivo amor’; da rivalidade e da vanglória; da esquizofrenia existencial; a doença das bisbilhotices, das murmurações e das críticas; a doença de divinizar os líderes; da indiferença para com os outros; a doença da cara fúnebre, ou seja, das pessoas rudes e amargas; do acumular, ou seja, quando o apóstolo procura preencher um vazio existencial no seu coração acumulando bens materiais; a doença dos círculos fechados, onde a pertença ao grupo se torna mais forte que a pertença ao Corpo e, nalgumas situações, ao próprio Cristo; e a última: a doença do lucro mundano, dos exibicionismos, quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder⁴.

Com esse discurso, mais uma vez, fomos surpreendidos com um preciso diagnóstico da situação atual, não de toda a Igreja, mas de um grupo bem situado e delimitado, a Cúria Romana. Entretanto, cada uma dessas quinze doenças advém da própria realidade humana desviada do Evangelho e, anteriormente, registrada na profecia de Jeremias. A Igreja é chamada a ser esposa de Cristo, como também o povo de Deus na época de Jeremias. Em 11 de outubro de 1962, São João XXIII, no discurso de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II utilizou essa imagem da Igreja como Esposa de Cristo: “Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade”. A misericórdia, metaforizada na imagem do remédio, se torna uma expressão precisa daquilo que realmente o é: cura não apenas o destinatário, mas também o misericordioso, pois ele se assemelha àquele cujo nome é Misericórdia. O tempo é de misericórdia, afirmou o Papa em sua entrevista. Tempo de ir à procura dos feridos pelas ruas, tempo de acolher, abraçar, cuidar: este é o “*kairós* de misericórdia”, diz o Sumo Pontífice (FRANCISCO, 2016, p. 22). A “Igreja como hospital de campanha”, repetidas muitas outras vezes em seus discursos, causa uma mutação na ação evangelizadora atual.

⁴ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/538719-discurso-do-papa-francisco-aos-cardeais-e-colaboradores-da-curia-romana>. Acesso em: 23 jul. 2023

Todas as doenças elencadas acima têm como causa o clericalismo, seja do clero mesmo ou dos leigos, e o narcisismo, que promovem o ensimesmamento, ou seja, o fechamento em si que contrariam em grau extremo a saída missionária, a conversão pastoral proposta nos documentos franciscanos. Sem abertura nunca será possível a sinodalidade. O resultado do fechamento é o indiferentismo e a exclusão dos outros, atitudes que são contrárias a ação de Deus na história.

A misericórdia torna viável a escuta. Durante as reuniões preparatórias para o conclave que elegeu o Cardeal Bergoglio, as preleções e falas demonstraram a insatisfação da maioria dos cardeais presentes a respeito da reação do centro administrativo no Vaticano às questões universais da Igreja. Sem escuta não há diálogo, mas imposições e regras. O espírito sinodal que se origina com os Sínodos, iniciado em 1965 por São Paulo VI com a convocação do primeiro Sínodo, mostrou que as suas Assembleias “revelaram-se um válido instrumento de conhecimento mútuo entre os Bispos, oração comum, confronto leal, aprofundamento da doutrina cristã, reforma das estruturas eclesiais, promoção da atividade pastoral no mundo inteiro” (FRANCISCO, P. *Episcopalis Communio*, n. 1). Este espírito que impulsiona as reuniões, o Papa atual quer em toda a Igreja Universal nas instâncias de base, paróquias e comunidades, onde essencialmente acontece a vida cristã para instituir comunidades abertas, pastores solícitos e povo amadurecido na prática evangélica. A imagem da casa de janelas e portas abertas indica ambiente interno arejado. Casa fechada e escura fica mofada e se torna ambiente favorável para doenças e quedas.

Se o nome de Deus é Misericórdia, como primeiro atributo divino, conforme interpreta o Papa argentino, todas essas indicações teológicas apontam que o espírito sinodal é uma espiritualidade encarnada, pois na carne de Deus Filho contemplamos a união hipostática, a Sua divindade e a humanidade, como autêntica antecipação real da vida concreta da Igreja. Pela carne de Cristo fomos incorporados na vida divina pelo Batismo, segundo nossa doutrina de fé. Sendo assim, a prática sinodal é concreta imitação de Cristo. A escuta, sendo imitação de Cristo, não constitui ato fácil e rápido! A vida concreta de Cristo O levou a Paixão e morte, à Cruz. O ato de escutar deve ter como base fundante uma dimensão estauroológica inegociável. O espírito sinodal é crucial para nossos tempos. A escuta é um processo, é o caminho de Jesus à cruz, lento e sofrido, pois deve ser feito passo por passo, sem condições de pular etapas.

Ensejos pastorais da espera de Deus segundo a profecia da destruição e a noção de misericórdia do Papa Francisco

Vimos acima que a perícopes nos indica uma pausa em toda a profecia contra a “renegada Israel” (Jr 3, 6) que se rebelou contra *lahweh* (Jr 3, 13) como caminho aberto para a conversão. *lahweh* se dispõe a uma relação fundamentada no diálogo, todavia o povo responde a ele a partir da distância do monólogo feito afastamento. No entanto, Ele não desiste e continua oferecendo alternativas, dado que, pelo que aparenta, tem esperança viva na resposta positiva de seus interlocutores. Ao ser instigado a conceituar a misericórdia, Francisco responde: “Etimologicamente, misericórdia significa abrir o coração ao miserável. E vamos logo ao Senhor: misericórdia é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar” (FRANCISCO, 2016. p. 23). Dessa forma evoca-se o próprio Jesus que veio para os doentes e não para os sãos; veio para demonstrar fidelidade a promessa. A decisão de Deus é pelo diálogo aberto antes da sentença condenatória.

Jeremias 5,18-25 deixa, na pausa para o castigo, a indicação do objetivo da decisão tomada: “E quando perguntardes: ‘Por que *lahweh* nosso Deus, nos fez tudo isto?’, tu lhes responderás: ‘Assim como me abandonastes

para servir, em vossa terra, a deuses estrangeiros, assim também servireis a estrangeiros em uma terra que não é vossa.” (Jr 5, 19). Abandonar a Deus para servir a deuses falsos, juntamente com a prática injusta nas relações, são o motivo do futuro infeliz que aguarda o povo. Entrementes a situação de pecado, Deus abre possibilidade de diálogo. Dessa forma, a decisão pela espera é a ocasião de ir em direção a uma realidade distante de Sua perspectiva, mas presente e viável pelo próprio atributo da misericórdia.

A teologia auxilia nesse entendimento por compreender a fé como ato de amor que produz um olhar para a realidade em afeição. Uma nova visão de mundo se dá a partir da fé conversão (BOFF, 2015, p. 25-10). A fé-experiência, isto é, o contexto em que a Palavra é recebida, determina a reflexão teológica de tal forma que amplia sapiencialmente a teologia para um conhecimento chamado “místico” em suas origens orientais e, racional no lado ocidental, sem exclusão da experiência mística (BOFF, 2015, p. 110-156). Isto posto, a proposta de escuta subjacente ao sínodo busca fazer objeto de estudo, trabalho e análise a realidade que se descortina como concretude. Sem isso, a teologia como ciência perde seu enfoque principal que é a aplicação pastoral da reflexão despertada pela Palavra revelada.

O sínodo é uma instância eclesial e, nesse sentido, pastoral por excelência. Desde a sua instituição por São Paulo VI, tem como objetivo beneficiar a colegialidade episcopal a fim de que favoreça o ministério petrino, em razão que os bispos que se reúnem nesses encontros provêm das situações de base e escuta do povo onde as questões são levantadas e feitas problemáticas, a serem resolvidas pastoralmente: “Esta obra de renovoamento deve estar animada pela firme convicção de que todos os Pastores são constituídos para o serviço do Povo santo de Deus, ao qual eles mesmos pertencem em virtude do sacramento do Batismo” (FRANCISCO, P. *Episcopalis Communio*, n. 5). Nas últimas décadas, com o sínodo, até mesmo uma nova concepção de episcopado emerge como necessidade. Segundo a *Episcopalis Communio*, o bispo é “mestre e discípulo”. É discípulo, “quando ele, sabendo que o Espírito é concedido a cada batizado, se coloca à escuta da voz de Cristo que fala através de todo o Povo de Deus, tornando-o ‘infallível *in credendo*’” (FRANCISCO, P. *Episcopalis Communio*, n. 5). A nova condição do bispo⁵ como líder para a escuta, para além do ensino, o coloca na sua condição de cristão junto com a assembleia dos batizados, na linha da afirmação de Santo Agostinho, que reflete, em algum de seus sermões, afirmando: “Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou Bispo; convosco sou cristão. Aquilo é um dever; isto, uma graça. O primeiro é um perigo; o segundo, salvação”.

Prossegue o parágrafo do documento franciscano que diz respeito à capacidade de escuta que deve iniciar pelo líder máximo de uma Igreja Particular:

O Bispo que vive no meio dos seus fiéis mantém os ouvidos abertos para escutar ‘o que o Espírito diz às Igrejas’ (Ap 2, 7) e a ‘voz das ovelhas’, também através daqueles organismos diocesanos que têm a tarefa de aconselhar o Bispo, promovendo um diálogo leal e construtivo (FRANCISCO, P. *Episcopalis Communio*, n. 5).

Toda a Igreja Particular é convocada a ser “ouvido de escuta” em primeiro lugar, através dos conselhos, comissões, coordenações...

⁵ “... O Papa Francisco salienta particularmente que a sinodalidade “nos oferece o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico” e que, com base na doutrina do *sensus fidei fidelium*, todos os membros da Igreja são sujeitos ativos de evangelização. Disso, resulta que a colocação em prática da Igreja sinodal é um pressuposto indispensável para um novo ardor missionário que comprometa todo o povo de Deus” CTI. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. 9.

A experiência franciscana da misericórdia está assinalada pelo contato pessoal. Deus, para Bergoglio, se revela na concretude da presença das pessoas. Afirma ele na entrevista: “Penso no Padre Carlos Duarte Ibarra... Tinha dezessete anos. Senti-me acolhido pela misericórdia de Deus quando me confessei com ele” (FRANCISCO, 2016, p. 25). Entendemos o motivo pelo qual Francisco tem um apreço particular por esse sacramento, que não se dá pela motivação moral em primeiro lugar, mas pelo sinal sacramental da proximidade da misericórdia de Deus que escuta e absolve através da Igreja, também sinal e sacramento de Salvação (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 89).

O caminho sinodal⁶ proposto pelo Papa, como está declarado nos primeiros documentos já apresentados, é uma espiritualidade acima de tudo⁷. Uma nova espiritualidade da escuta, a escuta como espiritualidade, ou ainda, uma nova teologia da escuta. Usualmente, o que compreendemos por espiritualidade é algo etéreo e que diz respeito à intimidade de cada pessoa com Deus, mas na tradição cristã, a partir da experiência bíblica, não é bem o que se dá. Segundo atestamos nos Apóstolos, a espiritualidade “deles” se assenta na missão não como coisa externa a se fazer (martismo, uma das quinze doenças), mas como impulso interior por causa do encontro com a Pessoa de Cristo que os impele. A vida monástica contemplativa que apareceu nos primeiros séculos do cristianismo também serviu a uma grande mudança da realidade social trazendo cultura e desenvolvimento onde estava localizada e assim procedeu até os dias atuais. Podemos afirmar, portanto, que espiritualidade é uma força movente. O vento movimentava aquilo que toca. A espiritualidade é uma força não visível, mas presente: é a obra do Espírito Santo, uma das Pessoas trinitárias. É uma força interior sim, mas não intimista e ensimesmada, “emocionalista” ou “afetivista”⁸. Assim o é porque sabemos que a Trindade é comunhão, partilha, escuta, sem confusão nem divisão.

A Igreja é de Trinitate plebs adunata chamada e habilitada como povo de Deus a endereçar o seu caminho na missão “ao Pai, por meio do Filho no Espírito Santo”. A Igreja participa, assim, em Cristo Jesus e mediante o Espírito Santo, da vida de comunhão da Santíssima Trindade destinada a abraçar a humanidade inteira. No dom e no empenho da comunhão, encontram-se a fonte, a forma e o escopo da sinodalidade, enquanto essa exprime o específico *modus vivendi et operandi* do povo de Deus na participação responsável e ordenada de todos os seus membros no discernimento e na colocação em prática das vias da sua missão. No exercício da sinodalidade, traduz-se, de fato, em concreto a vocação da pessoa humana a viver a comunhão que se realiza, através do dom sincero de si, na união com Deus e na unidade com os irmãos e irmãs em Cristo (CTI. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. 43)

De tal modo, a espiritualidade envolve a vida inteira, a pessoa na sua integralidade, sem dualismos, mas complementaridade de tudo em um todo real. A pessoa integrada e considerada em seu todo está sempre relacionada a alguma instituição a começar pela própria família e recebe das mesmas as tradições, as vivências, a história a ser narrada, enfim, a pessoa é convocada a escutar, entender, assimilar e depois, apenas depois, transmitir. É a “união com Deus” – que nos narra Sua história por meio da história – “e com os irmãos e irmãs”, ideia expressa pela Comissão Teológica Internacional.

⁶Atenção para não confundir este termo com o “caminho sinodal” da Conferência alemã dos Bispos que o tornou mais conhecido. O “caminho sinodal alemão” passa por uma revisão bastante séria e conta com a preocupação do Santo Padre e de teólogos como Walter Kasper e Cristoph Schönborn, que já se manifestaram a respeito de seus perigosos desdobramentos.

⁷ Segundo a publicação no site do Documento SÍNODO. *Per una spiritualità della sinodalità*. p. 5

⁸ Pedimos licença para lançar mão destes dois neologismos, a fim de explanar a defasagem, na espiritualidade, dessas duas dimensões humanas fundamentais, a emoção e a afetividade.

O Sínodo para a Sinodalidade abrirá que caminhos?

O aspecto mais interessante do Sínodo 2023 é a temática sobre si mesmo. Claro está que o Sínodo não abordará a instituição do Sínodo como organismo eclesial, mas a sinodalidade como nota⁹ da Igreja inteira, essência da vida comunitária que, neste texto, queremos assentar sobre a base da misericórdia para a formação de uma fraternidade viva e humanitária, sendo a ação pastoral base a capacidade de escuta para trilhar um caminho espiritual maduro com ações sociais baseadas em uma caridade generosa e intensa, aberta, ardente.

Entendemos que os documentos publicados para o começo da conversa do sínodo muito contribuirão para as discussões sinodais. Entretanto, para além do sínodo, já abre caminhos e reflexões até agora adormecidas nas pequenas comunidades e na academia e, por que não, na sociedade. Muito já se avançou, por exemplo, no campo da escolha dos pastores nas dioceses, como propostas de retorno aos primórdios quando a escolha dos bispos era feita de forma local, semelhante ao que é feito em Roma para a escolha do bispo diocesano, nos conclaves. Sabemos que essa questão está cristalizada e, possivelmente, nunca será alterada, mas a colocação do problema já traz um indício da necessidade de escutar. Esse é apenas um exemplo, que poderíamos estender para outras realidades: protagonismo das Igrejas Particulares, suas atribuições na vida da Igreja, celibato clerical, nova evangelização, Doutrina Social, entre outros tantos.

O profeta Jeremias, nos primeiros capítulos de sua profecia, quando ainda apresenta a possibilidade de conversão como caminho para o povo rebelde, suplica: “Volta renegada Israel... Não farei cair sobre vós a minha ira, porque sou misericordioso... Não guardo rancor para sempre. Reconhece, apenas, a tua falta” (Jr 3,12-13).¹⁰ No sacramento da Penitência, independente da questão doutrinal que separa católicos e protestantes¹¹, é subjacente a misericórdia. Aqui defendemos, como caminho para a sinodalidade, a misericórdia, acentuando sua capacidade de ordenar uma verdadeira fraternidade cristã como luz para o mundo, a sociedade. Dessa forma, podemos apresentar o Jubileu Extraordinário com possibilidades reais de fazer o sínodo ganhar ares novos de abertura.

A Igreja, desde o Concílio Vaticano II, apresenta um projeto pastoral que almeja o diálogo com o mundo e não mais a sua condenação, assumindo todos os riscos da evangelização saindo das portas dos templos. Como vimos anteriormente, se não for pelo caminho da reconciliação e da misericórdia, não será possível o diálogo. O documento da Comissão Teológica Internacional sobre a sinodalidade afirma que a Igreja deve estar abalizada em uma fidelidade criativa à Tradição. A Tradição não diz respeito ao passado, exclusivamente, mas tem valor na medida em que possibilita a identidade de uma pessoa ou grupo, enraizando-os, assim, em um mundo de interpretação, que doa uma referência vital. O dogma é uma verdade revelada, normativa e formalmente declarada

⁹ Se faz mister esclarecer que não nos referimos a uma quinta nota entre as quatro já professadas, mas apenas uma força de expressão. “... A sinodalidade exprime a figura de Igreja que brota do Evangelho de Jesus e que é chamada a encarnar-se hoje na história, em fidelidade criativa à Tradição” CTI. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. 9.

¹⁰ “A mensagem dos profetas inculca no povo de Deus a exigência de caminhar ao longo das adversidades da história em fidelidade à aliança. Os Profetas convidam, por isso, à conversão do coração para Deus e à justiça nas relações com o próximo, especialmente os mais pobres, os oprimidos, os estrangeiros, como testemunho tangível da misericórdia do Senhor (Jr 37,21; 38,1). Para que isso se realize, Deus promete doar um coração e um espírito novos (Ez 11,19) e abrir diante do seu povo um novo êxodo (Jr 37–38): então Ele estipulará uma aliança nova, não mais inscrita em tábuas de pedra, mas nos corações (Jr 31,31-34). Esta se dilatará para horizontes universais, pois o Servo do Senhor reunirá as nações (Is 53), e será sigilada pela efusão do Espírito do Senhor sobre todos os membros do seu Povo (Gl 3,1-4)” (CTI. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. 14).

¹¹ “Ademais, a sinodalidade está no coração do empenho ecumênico dos cristãos, pois representa um convite a caminhar juntos na via em direção à plena comunhão e porque oferece – corretamente entendida – uma compreensão e uma experiência da Igreja em que podem encontrar lugar as legítimas diversidades, na lógica de uma recíproca troca de dons à luz da verdade” CTI. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. 9.

pela autoridade eclesial. Sua função é ser ponto de chegada e ponto de saída, como uma fonte viva da vida e da reflexão teológica. Para interpretá-los é necessário distinguir entre o seu conteúdo (absoluto) e a sua forma (relativa), evitando-se os extremos. Toda formulação dogmática é histórica, possibilitando abertura para associá-los com a realidade presente, sendo meio para o anúncio querigmático, fazendo com que o dogma evolua em sua explicitação. A função construtiva da teologia é a explicitação e o aprofundamento da Palavra ouvida, com as palavras da teologia (*intellectus fidei*), analisando, sistematizando/elaborando e criando o seu discurso próprio. Tal função permite à teologia ter relevância histórica no momento da prática, pois confronta com a vida os seus pressupostos, atualizando as formas de explicitação da verdade revelada (BOFF. 2015. p. 237-296). Assim a teologia colabora com a sinodalidade.

Os padres que são párocos ou docentes, ou todos os agentes de pastoral ou os pastores e pastoras nas comunidades protestantes, que são do “chão da fábrica”, de onde provém Francisco, sabem dos desafios do diálogo em um mundo plural e diverso em tantos aspectos. Por situações variadas, os projetos de evangelização que elaboramos não conseguem alcançar tanta variação e alterações velozes no campo social. A formação laical para a sinodalidade se faz necessária não como coisa acessória ou, até mesmo como necessidade, contudo, seja uma verdadeira e genuína realidade da própria vocação laical na Igreja e para o mundo.

Considerações finais

Ao finalizar esta argumentação, percebe-se que a movimentação em torno desse tema, para além de uma temporada de discussões e debates terá alcance decisivo para a Igreja nas suas relações seculares, ecumênicas e inter-religiosas. Apesar de todas as situações ocorridas nos quase sessenta anos que se sucederam ao Concílio Vaticano II (1962-1965) é possível constatar uma linha de continuidade doutrinal-pastoral-diplomática entre o Concílio Vaticano II, os quatro pontificados subsequentes até as iniciativas franciscanas, culminando com o Sínodo em 2023.

Procuramos defender que a ação pastoral a partir da noção mística da espera de Deus é um “motor” potente para o crescimento na fraternidade a partir da misericórdia. A vida comunitária poderá ser fortemente nutrida, desde já, com a noção de sinodalidade que se apresenta para o vindouro Sínodo dos Bispos.

Analisando a perícopes de Jeremias 5,18-25, os documentos publicados pela Santa Sé e a entrevista do Papa Francisco, a perspectiva da hipótese da concepção de espera divina que aparece na perícopes se torna uma mística para a vida sinodal da Igreja. Uma mística do “campo aberto” das possíveis consequências da escuta e do diálogo. As noções de fraternidade e sinodalidade como paradigmas, partindo da profecia de Jeremias que anuncia a destruição do povo que se afasta de Deus, possibilita o entendimento que, o encontro entre as noções de castigo como ato de misericórdia para despertar a conversão é um caminho possível para o diálogo divino-humano que tem como desdobramento uma relação social “extra-fé” que se sustenta pela tolerância e apaziguamento das divisões.

Deus é a Unidade de toda a religião e fundamento da fraternidade humana. Na profecia de Jeremias e em toda a História da Salvação, podemos nos defrontar com a imagem de Deus que se incomoda e se faz Diálogo para o ser humano em estado de distanciamento e esquecimento de si mesmo e da Aliança.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. A. *Nova edição*. Revista. São Paulo: Paulus. 1985.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html. Acesso em: 25 jul. 2022

FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli*. São Paulo: Editora Planeta. 2016.

FRANCISCO, Papa. Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*: sobre o sínodo dos Bispos. Dicastero per la Comunicazione: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html. Acesso em: 22 jul. 2022.

MESTERS, Frei Carlos. *O Profeta Jeremias: boca de Deus, boca do povo*. São Paulo: Paulus. 1992.

MEYER, Ivo. O Livro de Jeremias. In: ZENGER, Erich (Org.). *Introdução ao Antigo testamento*. São Paulo: Loyola. 2003.

PESQUISA NEPE. Disponível em: <https://www.nepe.wab.com.br/referencia-espirita?livro=24&chapter=5&verse=18&verse2=25>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes. 1968. 2ª edição.

SÍNODO 2021-2023. *Per una spiritualità dela sinodalità*. Disponível em: <https://www.synod.va/it/in-evidenza/per-una-spiritualita-della-sinodalita.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RECEBIDO: 27/02/2023
APROVADO: 14/03/2023

RECEIVED: 27/02/2023
APPROVED: 14/03/2023